

Rodô Resiste¹

Nicolle Por Deus Ignacio da SILVA²
Fernanda de Sousa NOGUEIRA³
Jacqueline Aparecida dos Reis GONÇALO⁴
Edson SILVA⁵
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS

RESUMO

O trabalho é referente à grande reportagem *Rodô Resiste*, publicada na edição 83 do Projétil, jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Produzida por acadêmicas do 5º semestre, *Rodô Resiste* discorre sobre a Rodoviária Antiga da capital sul-matogrossense, espaço que, mesmo localizado no centro da cidade, é colocado à margem pelos cidadãos e pelo poder público. Neste trabalho jornalístico as acadêmicas mostram que o local vai além da imagem deturpada que recebeu ao longo dos anos e mostra ao leitor a realidade de uma estrutura que contribuiu com o desenvolvimento de Campo Grande.

PALAVRAS-CHAVE: grande reportagem, jornal-laboratório, Projétil, rodoviária.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata do processo de produção de uma grande reportagem publicada pelo jornal-laboratório Projétil, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no segundo semestre de 2014. *Rodô Resiste*, de seis páginas, foi produzida pelas alunas Fernanda Nogueira, Jacqueline Gonçalo e Nicolle Ignacio, sob a supervisão e orientação dos professores das disciplinas de Redação Jornalística IV, Edição I, Legislação e Ética em Jornalismo e Planejamento Gráfico III.

O jornal laboratório simula a rotina de produção de uma redação, dando ao aluno noção do ambiente que irá encontrar ao sair da universidade. Trata-se de um veículo aberto a experimentações de linguagem, apresentação gráfica e conteúdo. Neste contexto, o Projétil proporciona aos alunos um espaço em que possam trabalhar diversos gêneros e

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Reportagem em Jornalismo impresso, modalidade Jornalismo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: nicolle.ignacio@gmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: nandas.nogueira@hotmail.com.

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: jacquelineap.goncalo@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: eseiva@terra.com.br.

linguagens textuais, não convencionais se comparados ao jornalismo impresso feito no mercado.

A matéria *Rodô Resiste* parte de uma abordagem mais humanizada que dê visibilidade para a condição da Rodoviária Antiga além das questões políticas e comerciais, colocando em pauta a relação das pessoas que ali resistem. Quando constataram a complexidade do tema e a abrangência de temas a serem interpelados, as alunas chegaram à conclusão de que o objeto final da pauta não seria apenas uma matéria comum dos jornais diários, e sim uma grande reportagem com cuidados especiais na formação do texto.

2 OBJETIVO

O objetivo principal da matéria *Rodô Resiste* foi exercitar a prática da grande reportagem, mostrando a situação da Rodoviária Antiga de Campo Grande. E também aplicar os ensinamentos das disciplinas que subsidiam a produção do jornal-laboratório, colocando em prática as noções de narrativas.

3 JUSTIFICATIVA

A grande reportagem *Rodô Resiste* faz parte da edição 83 do jornal-laboratório Projétil, cujo eixo editorial reúne ícones da cidade de Campo Grande. Assim, tornou-se importante a realização de uma abordagem sobre o prédio que um dia abrigou a rodoviária da cidade e teve papel importante para o desenvolvimento da cidade.

O prédio do então Terminal Rodoviário Heitor Eduardo Laburu, outrora cenário de encontros e despedidas, hoje não funciona mais como uma rodoviária. Agora atende pelo nome de Centro Comercial do Oeste. A matéria narrou e descreveu como a estrutura foi utilizada nos últimos anos, resgatando algumas histórias que se desenrolaram tanto entre suas paredes como no entorno.

Muito se discute entre os frequentadores do prédio, entidades políticas e a mídia local, quais serão os destinos daquele espaço. O que um dia foi um dos edifícios mais importantes da cidade, sendo não só ponto de chegada e partida de centenas de pessoas, mas também o principal local de comércio e lazer na década de setenta, hoje se depara com o esquecimento e a degradação.

A intenção da matéria foi evidenciar o prédio-ícone da cidade, tirando-o da sombra em que foi colocado pelo preconceito da população em geral. Desmitificando alguns fatos e esclarecendo outros. Longe da discussão política e dos interesses de terceiros as repórteres ouviram não as fontes oficiais, mas buscaram traçar os perfis das pessoas que são atingidas pela atual situação do imóvel.

A produção da matéria contribui com a sociedade campo-grandense ao trazer à tona um debate além do que a mídia local se limita, além de ser um registro histórico de uma fase de transição para o prédio que caminha em rumo à prometida revitalização.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Rodô Resiste começou a ser desenhada no decorrer do primeiro semestre de 2014, com o desenvolvimento da disciplina "Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística". Edson Silva, professor responsável pela cadeira, deu um exercício à turma: divididos em grupo, as acadêmicas e os acadêmicos deveriam escolher um ponto de Campo Grande e fazer uma pesquisa sobre o mesmo. Fernanda Nogueira, Jacqueline Gonçalo e Nicolle Ignacio escolheram a Rodoviária Antiga, prédio localizado no centro da cidade e, ainda assim, colocado à margem pela sociedade campo-grandense.

As estudantes de jornalismo fizeram observação direta do local em períodos e dias diferentes. Coube a Nicolle Ignacio realizar sua parte à noite, na companhia do professor. Guiados por Tainá Jara, – jornalista e sócia de um estúdio fotográfico localizado no andar superior do prédio da Rodoviária Antiga –, aluna e professor chegaram ao objeto da pesquisa no fim da tarde. As lojas e comércios do primeiro piso já haviam encerrado o funcionamento naquele horário, mas as atividades do segundo andar estavam apenas começando.

Jovens conversavam pelos corredores embalados pelo som do hip hop; alguns até mesmo dançavam *street dance*. A loja Maloca Querida estava aberta, tendo como foco a venda de bolsas, camisetas e artesanato em geral produzidos por artistas desconhecidos, divulgando e contribuindo com o trabalho destes. Um estúdio de design também estava em funcionamento, contando com a presença de dois dos três sócios. Conversas foram realizadas sem, no entanto, terem como objetivo a entrevista. Eram apenas diálogos para saber como o segundo piso da Rodoviária Antiga e seus respectivos comércios

funcionavam durante a noite. A conclusão à qual chegaram, naquele dia, é que o foco era a disseminar a cultura.

No dia seguinte, pela manhã, foi a vez de Fernanda Nogueira e Jacqueline Gonçalo terem suas impressões do local no período diurno. Sentiram o cheiro de pão tomar conta do ambiente, graças a uma pequena padaria instalada no térreo; espantaram-se com os produtos apresentados nas vitrines das lojas que começavam a abrir, afinal eram artigos de viagem que provavelmente deveriam ser muito consumidos quando a Rodoviária estava instalada no local, o que não era mais o caso.

Veio então a surpresa: as acadêmicas foram abordadas por um policial que fazia a ronda no local. O guarda questionou o que as jovens faziam ali e, após escutar a explicação de que estavam a trabalho da faculdade, alertou-as. Pediu para que tivessem cuidado, principalmente com o equipamento que traziam: uma câmera fotográfica Nikon D3200.

Ainda no primeiro semestre de 2014, as acadêmicas também foram até o Arquivo Histórico de Campo Grande (Arca) para procurar registros do período em que a Rodoviária foi inaugurada, em 1973. Encontraram o que procuravam na edição número 6102 do jornal Correio do Estado do dia 7 de janeiro daquele ano, quando foi divulgado um decreto emitido pelo então prefeito, Antônio Mendes Canale. O documento diz: “Art. 1º – A “Estação Rodoviária de Campo Grande”, passará a funcionar no dia 14 de janeiro de 1973, em sua instalação-própria à Rua Joaquim Nabuco, nesta cidade” (CORREIO DO ESTADO, 1973)⁶

As acadêmicas fotografaram as páginas do jornal que tratavam sobre o assunto, além de terem digitado todo o documento, adicionando-o como material da pesquisa que realizaram.

Foi em agosto de 2014 que começaram as discussões referentes à edição 83 do Projétil. A turma decidiu que Campo Grande seria o eixo que guiaria todas as matérias e foi graças a essa decisão do coletivo que as acadêmicas preferiram resgatar o trabalho do semestre anterior, afinal perceberam que, diante do conteúdo divulgado sobre a Rodoviária Antiga na imprensa, o local precisava de uma abordagem diferente.

Novamente sob a orientação do professor Edson Silva, o trio deu início à primeira parte da matéria: a apuração. Como haviam ido ao espaço meses antes, retornaram para mais uma observação no período matutino. Assistiram juntas o despertar da Rodoviária Antiga. Observaram os comerciantes abrirem suas portas no primeiro piso e perceberam

⁶ A página em que o decreto foi publicado não possui numeração.

que, pela manhã, o segundo piso ainda descansava, completamente alheio à agitação que começava a tomar conta do térreo.

Fotografaram alguns detalhes com o modelo D3200 da Nikon e considerando o artigo 5, item X da Lei nº 9.610/98, as acadêmicas pediam, por escrito, a autorização dos comerciantes e funcionários para fotografá-los:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

Ao longo do mês outras observações foram realizadas tanto no período vespertino quanto no noturno, agora pensando nas fontes que seriam as personagens do trabalho. A primeira abordagem foi feita com Mamede Fernandes Amorim. As acadêmicas se identificam e explicam que estavam ali à trabalho da faculdade de Jornalismo - a mesma atitude foi tomada com todas as outras fontes. Apesar da desconfiança, Mamede respondeu às perguntas que lhe foram feitas com relação a sua história com a Rodoviária.

Outras fontes se mostraram dispostas a conversar, como Pietro Luigi, Andréia e Preta, todos trabalhando na Rodoviária. Pietro com sua loja, a Subcultura Records; Andréia como funcionária da lanchonete Kituttis; e Preta, a cabeleireira do salão de beleza Sigma. As três personagens se mostraram dispostas a participar da matéria, todas falando sobre suas expectativas para com o futuro do prédio onde trabalham.

Mas Fernanda, Jacqueline e Nicolle sabiam que as quatro fontes não eram suficientes para a matéria que queriam produzir. Durante as observações, perceberam a presença de profissionais do sexo pelos corredores e esperavam entrevistar ao menos uma delas. Antes da abordagem, porém, passaram por todo um processo de preparação. Assistiram à matéria do dia 20 de maio de 2014 do programa “A Liga”, da Band, e organizaram um roteiro com as perguntas que gostariam de fazer à entrevistada. Perguntas relacionadas a como ela começou a exercer aquela profissão, como era a vida dela antes e como era agora. Perguntas relacionadas à família, aos planos que tem para o futuro, às motivações.

Jacqueline tomou a frente e se aproximou daquela que pensaram que seria a entrevistada. Conversaram, descobriram sua história de vida, mas ela não tinha tempo para

ceder uma entrevista, afinal tinha clientes para atender. Outros horários foram marcados e, conseqüentemente, mais observações diretas na Rodoviária Antiga foram feitas. Em nenhuma delas, no entanto, a possível fonte conseguiu responder às perguntas do trio. O ofício chamava.

A mulher indicou, então, uma colega de trabalho, dando a certeza de que ela estaria disponível para ser entrevistada. Não foi o que aconteceu. A segunda fonte em potencial recusou a entrevista proposta pelas acadêmicas, farta da desconfiança que o jornalismo lhe inspirava. Mais do que recusar, a profissional também afirmou que nenhuma de suas colegas que estavam à sua volta – cerca de quatro mulheres – iria ceder entrevista. A falta de confiança falou mais alto.

As acadêmicas não haviam desistido, no entanto. Seguiram até o Bar do Gerson – outro estabelecimento instalado no prédio – e lá perguntaram sobre Rosa, uma profissional do sexo que havia aparecido em um veículo online recentemente. Ela não estava mais trabalhando naquele dia, mas Gerson informou o número do seu celular e dali mesmo as estudantes ligaram para ela, marcando a entrevista para a manhã do dia seguinte. O trio tentou seguir o roteiro que haviam preparado, mas a entrevista de Rosa foi mais do que uma série de perguntas elaboradas previamente. Foi um diálogo, uma conversa.

Todas as entrevistas foram gravadas com gravador de celular e transcritas no computador. Além desse material, tinham as fotos, a fonte documental colhida na Arca e suas respectivas anotações com aquilo que encontraram nas observações diretas feitas pela manhã, à tarde e à noite. Concluíram que a quantidade de dados que possuíam possibilitaria a elaboração de uma grande reportagem, um gênero inédito no Projétil.

Iniciaram o processo de redação e, posteriormente, de edição. Edson recebia o conteúdo por e-mail, lia e corrigia os textos, encaminhando-os para as alunas para que os ajustes fossem realizados. Na sequência realizaram a última parte do processo, a diagramação. Essa etapa foi feita no programa PageMaker e devido as limitações do mesmo, foram necessários dois dias de trabalho.

Quando todas as matérias foram concluídas, deu-se início à discussão de qual matéria ilustraria a capa da edição 83 do Projétil. A turma chegou a um impasse: *Rodô Resiste* ou *O Outro Lado dos Trilhos*, trabalho que ocupou o caderno fotográfico. O professor exibiu para a turma várias fotografias dos dois temas e os fatores que embasaram a discussão foram: importância dos lugares para Campo Grande, o espaço que ocupariam no jornal quando este fosse para a gráfica e a qualidade das imagens disponíveis.

Fernanda foi a única a elaborar várias opções para a capa, usando uma das fotos que ela própria tirou da Rodoviária Antiga. A acadêmica apresentou o seu trabalho para o restante da sala e, por votação, Rodoviária Antiga foi escolhida como capa. Assim, depois de pouco mais de dois meses de dedicação às matérias, finalmente tudo estava concluído. O Projétil só precisava ir para a gráfica para que tudo ficasse pronto para a divulgação.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A matéria é capa da publicação, com o título *Ela não entrega os pontos*, seguido da chamada de oito linhas, divididas em duas colunas, explicando e contextualizando para o leitor o que o título e a foto representavam.

Dentro do jornal a matéria ocupa as páginas três, quatro, cinco, seis, sete e oito, com o total de 15 colunas de texto. O título é *Rodô Resiste* e traz um olho de cinco linhas. O texto é construído de forma a dar ao leitor a sensação de estar passeando pelo prédio, por isso a utilização da técnica narrativa-descritiva e a divisão em subtítulos metafóricos que fazem referência ao local (Primeira Parada, 06h45; Segunda Parada, 14h20; Próxima parada: segundo piso; Fora da rota; O ponto).

De acordo com Oswaldo Coimbra, a narração em 3ª pessoa acontece no “modo dramático”; “o narrador se limita a informar o que as personagens fazem e o que falam” (COIMBRA, 1993, p. 48) e a relação entre tempo e espaço na narrativa ocorre no formato “cena”.

Há uma aproximação entre duração do tempo de um acontecimento e o espaço que ele ocupa no texto. Segundo Lopes e Reis, esta característica da cena resulta do fato de que nela é reproduzido o discurso das personagens, com respeito integral às suas falas e à ordem em que elas se desenvolvem. (COIMBRA, 1993, p.63)

Na página cinco foi inserido o box *Na linha do tempo*, com informações históricas sobre a inauguração da Estação Rodoviária de Campo Grande, a mudança do nome para Terminal Rodoviário Heitor Eduardo Laburu e sua desativação em 2010. Acontecimentos que culminaram no abandono do local por parte dos moradores e do poder público da cidade.

Na página seis há uma pausa na narrativa sobre o local para que seja contada a história de Preta, personagem com fortes ligações afetivas com a Rodoviária. Em *A cara da rodô* a cabeleireira conta sua trajetória de vida. A opção editorial foi criar um box

estruturado em formato de perfil narrativo-descritivo sem deixar de estar relacionado com o restante da matéria.

A partir da página sete a narrativa segue o passeio pelo prédio focando o segundo andar. Na última página, outra quebra na narrativa para contar a história de Rosa, profissional do sexo que adotou o prédio como seu ponto de trabalho. Os relatos de Rosa são contados em *O Ponto*, estruturado também como perfil narrativo-descritivo com as falas das entrevistadoras e da entrevistada na íntegra.

A diagramação foi pensada de forma a dar continuidade na narração, ou seja, conforme eram descritos certos ambientes e em seguida eram colocadas fotos que ilustravam o que era dito, mas não somente isso, são fotos que por si só contam sua história.

A escolha das fontes de informação foi feita no decorrer da pesquisa jornalística. Notaram que o local era, e ainda é, cercado de questões políticas e contradições, portanto optamos por deixar de fora fontes oficiais de informação. Queriam que a matéria se tornasse um retrato textual daquilo que as pessoas veem quando passam ou adentram o prédio, para tanto consultaram documentos históricos sobre a fundação do local e fontes que presenciaram a construção e decadência da Rodoviária Antiga.

Foram ouvidos os comerciantes Mamede Fernandes Amorim, proprietário da loja Magno Presentes; Andréia, funcionária da lanchonete Kituttis; Pietro Luigi e Yasmin Santiago, donos da loja Subcultura Records; Preta, funcionária do Salão de Beleza Sigma e Rosa, profissional do sexo que trabalha no prédio há 25 anos. Estas fontes ofereceram um panorama de como o prédio era importante quando foi fundado, e como eles ainda tem esperança que os tempos de ouro voltem. Fora as fontes documentais e pessoais que consultaram, o texto foi escrito com base na observação direta que foi feita durante, aproximadamente, um mês.

6 CONSIDERAÇÕES

A matéria teve suas dificuldades para chegar até o resultado final, mas surpreendeu pelo caminho que foi tomando. O que era para ser apenas mais uma atividade do jornal-laboratório cresceu gradativamente conforme as alunas iam se empenhando na reportagem e se tornou um produto significativo, diferente da maioria das matérias que já fizeram parte dos jornais de anos anteriores.

Da pesquisa para pauta até a entrega dos jornais, as acadêmicas puderam exercitar não só a redação e a técnica jornalística, mas aprenderam como lidar com fontes, construir

um texto que prende o leitor e perseverar na pauta. A matéria provocou tanto críticas positivas como negativas, considerando que se trata de uma temática que envolve diferentes interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COIMBRA, Oswaldo. **O Texto da reportagem impressa**. Um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

CORREIO DO ESTADO. “Decreto número 3.682”. Edição nº 6.102, 6/7 de janeiro de 1973.

LEI Nº 9.610/98 – LEI DOS DIREITOS AUTORAIS. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm. Acesso em 29/04/2015.